



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV
N.º 18

Os tres desejos

(Conto)

Como è sabido, sempre que ape-
tece a S. Pedro e ao seu divino Mes-
tre, descem à terra para saber como
andam as cousas cá d'este mundo.

A ultima vez que isto succedeu,
estavam convencidos os celestiaes
viajantes de que cá por baixo nada
havia de extraordinario, e por isso
pediram hospitalidade, ahí pela meia
noite, a um carpinteiro, homem de
bem, que lhes deu um bocado de pão
e um trago de vinho, mas com tanto
agrado, que o Divino Mestre, disse-
lhe:

—A paz de Deus seja contigo pa-
ra sempre. És um bom homem e
quero premiar-te. Em troca do bom

acolhimento que nos dispensaste, que-
ro que me digas quaes são as tres
coisas que mais desejas. Escolhe a
teu gosto e farei com que os teus de-
jos se realizem. O que prometto, cum-
pro; a minha vontade è soberana.

Approximou-se então S. Pedro do
carpinteiro, e disse-lhe ao ouvido:

—Pede a salvação da tua alma.

O carpinteiro respondeu-lhe:

—Meu amigo, eu sei melhor o que
me convém do que tu. Hei de pedir
o que mais me agrada.

E dirigindo-se a Nosso Senhor,
disse-lhe:

—Sempre que jogo, perco, e es-
tou aborrecido com a minha má sor-
te. A primeira cousa que desejo è
ganhar sempre que jogar às cartas.

—Concedido o teu primeiro de-
sejo. Faltam dois.

S. Pedro tornou a approximar-se
do carpinteiro e repetiu-lhe:

—Desgraçado! pede a salvação
de tua alma.

—Deixa-me em paz! O que te
importa a ti que a minha alma se

perca ou se salve? replicou o carpinteiro.

É dirigindo-se a Nosso Senhor, exclamou:

—Divino Mestre, concede-me que todos que se sentem no banco que está á minha porta, se peguem a elle e se não despeguem sem minha ordem.

—Concedido. Já vão dois. Vamos ao teu terceiro desejo.

S. Pedro voltou a approximar-se do carpinteiro e repetiu-lhe:

—Desgraçado de ti se não souberes aproveitar o ultimo desejo! Pedro, sem vacillar, a salvação da tua alma.

O carpinteiro respondeu com mau modo a S. Pedro, e este voltando-se para o Mestre, disse-lhe:

—Senhor, concedei a salvação a este homem que é um bruto e ignora o que mais lhe convém. Eu peço em seu nome.

—Calla-te, Pedro, respondeu o Mestre, isso não é da tua conta. Vejamos, bom homem, qual é a outra cousa que desejas!

O carpinteiro respondeu:

—Ao entrar na minha officina, haveis de ter visto, á mão esquerda, uma figueira que dá sombra a um poço. A toda a hora me roubam os figos. Para o evitar, Senhor, já que sois tão bom como poderoso, fazei-me a mercê de que todo aquelle que suba á minha figueira, não possa descer sem minha auctorisação.

—Concedido e passar bem.

Duas grossas lagrimas deslisaram pelas faces de S. Pedro e foram perder-se na sua barba branca.

—Nada mais temos que fazer na terra, disse Nosso Senhor.

E os dois celestes peregrinos foram repentinamente inundados de viva luz, e sumiram-se como o fumo.

O carpinteiro, muito contente por ter formulado a seu gosto os tres desejos, quiz logo certificar-se se seria verdade o que o Senhor disse: «A minha vontade é soberana.»

Começou por jogar ás cartas e ganhou. Tornou a jogar e a ganhar, e sempre que pegava nas cartas a sorte era a seu favor. Tão favorecido foi, que de pobre que era, passou a ser rico, tão rico que já não sabia o que fizesse ao dinheiro.

Como rara excepção, não descambou na avareza, e o que é mais para estranhar, é que por distração nunca abandonou o officio.

Apesar de jogador, era no fundo um homem de bem; livrava de apuros muitos desgraçados e gostava de dar esmolas. Recebia os pobres de braços abertos, e como tinha nas suas mãos o poder de fazer fortuna, gastava á larga, sempre contente, sempre alegre, sempre de bom humor.

Aconteceu, porém, um dia, vir a Morte visital-o, e como fazia frio, viuha envolta n'um sudario.

—Que cançada estou, disse ella ao chegar.

E sentou-se no banco que estava á porta da carpinteria.

—Elá! Faz depressa o acto de contricção e prepara as tuas cousas. Chegou a tua hora e venho buscar-te, disse ella ao carpinteiro.

—Que pressa que tens! respondeu este muito sereno e tranquillo; descança um bocado.

—Não posso, tenho que partir em seguida.

A morte fez por se levantar, mas foi em vão. Estava pegada ao banco e de nada lhe valeu os esforços que fez para se despegar.

Poz-se como uma furia, e não se cançou de apostrophar o carpinteiro, queixando-se de que aquelle incidente a impedia de cumprir a sua funebre missão.

—Já és minha, disse o carpinteiro, estás ás minhas ordens. . . e se eu não tivesse bom coração, ahí passarias toda a vida pegada ao banco. Depende de ti que eu te dê a liberdade. Se acceitares a condição. . .

—Condição?

—Que te não lembres de mim durante cem annos, pelo menos. Acceitas?

—Não; pedes-me demasiado.

—Não te conformas? Peor para ti. Continuarás no banco.

O carpinteiro ria escarnecendo da sua victima.

Por ultimo, e depois de grande discussão, a Morte consentiu em deixar em paz o carpinteiro durante cincoenta annos.

Feito o contracto, a Morte levantou-se e resmungando affastou-se rapidamente para recuperar o tempo perdido.

O nosso bom homem, muito satisfeito dos bens que o Senhor lhe concedera, pensando que cincoenta annos teem muitos dias, voltou a trabalhar pelo officio, a jogar com muita sorte e a empregar o dinbeiro em obras de caridade.

Quando se vive contente, os annos passam depressa! Os cincoenta passaram sem sentir e a Morte com a sua pontualidade costumada e envolta como sempre no manto branco,

tornou a apresentar-se em casa do carpinteiro.

—Não percamos tempo, lhe disse; esta vez é deveras, e não te escapará das minhas garras.

—Outra vez aqui a Morte! Quem te chamou? Ainda não chegou a minha hora, fallam trinta minutos, se o meu relógio não mente.

A' espera que passasse a meia hora, a Morte reparou na figueira da sua victima, e disse:

—Olá! que figos! Devem ser muito bons. Teem muito boa cara.

—Queres proval-os?

A Morte que anda sempre com fome, trepou á figueira e atracou-se aos figos.

Passou a meia hora, e a Morte, gritou da arvore ao carpinteiro:

—Estás já preparado para a viagem?

—Pòdes descer quando quizeres, estou disposto a acompanhar-te.

A Morte quiz descer mas não pòde. Estava presa á figueira e por mais esforços que fez, não conseguiu desligar-se da arvore.

O carpinteiro ria a bom rir zombando da Morte.

—Fui, sou e serei teu amo e senhor. Se queres que te ponha em liberdade, has de acceitar uma condição.

—Qaal?

—Que me deixes viver cincoenta annos mais. Acceitas?

De pois de muito discutir, a Morte conformou-se com uma nova pro rogação de mais cem annos.

—De aqui até lá, pensou o carpinteiro, terei tempo de me aborrecer da vida, e quando espirar o praso, já não devo prestar para nada.

A Morte desceu da arvore e afastou-se.

Passaram os cem annos, voltou a Morte e encontrou o nosso homem já um velhinho muito carcomido. Apanhou-o meio adormecido, carregou com elle ás costas e levou-o para o outro mundo.

A' porta do paraizo, alijou a carga e chamou. Abriu-se a porta.

—Amigo S. Pedro, disse a Morte, aqui te trago um que mereceu o Paraizo, porque viveu a bagatella de duzentos annos.

Quem é esse homem de tanta paciencia? perguntou o celeste porteiro.

—Não me conheces? respondeu o morto; sou o carpinteiro que certa noite te deu a beber um tragó de vinho.

—Abl já te conheço, cabeçudo. Tu és aquelle a quem eu disse uma, duas e tres vezes, que pedisses a salvação de tua alma e ainda em cima te zangaste. Não desejaste salvar-te e queres entrar agora no paraizo? Não faltava mais nada.

—E' preciso que leves em conta, venerando santo, que eu fiz todas as obras de caridade que pude e com boa conducta. Fui fiel a minha mulher emquanto viva e mesmo ainda depois de morta.

—Basta de palavras. Os amigos do «livro de quaranta folhas», não entram aqui. Entendeste? Dize a quem te trouxe que te torne a levar.

A Morte, muito zangada, tornou a carregar com a alma do carpinteiro e de um só vôo, alcançou a entrada do Purgatorio.

Arriou a carga á porta e chamou.

—Quem é? perguntou uma voz rouquenha. E' todo o dia um chamar continuo.

A morte disse:

—Abri, que sou eu, a amiga Morte, que voz traz um pobre carpinteiro que lhe tem dado muito que fazer. Viveu duzentos annos. Tem direito ás penas do Purgatorio, mas como foi um bocado jogado...

—Os batoteiros são filhas de Satanaz, resmungou a voz. Que o leve o diabo.

E a Morte já meia suffocada, baixou ás profundas do inferno.

Quando Lucifer reconheceu o carpinteiro, disse:

—E's tu? Já tinha vontade de ver-te por cá. Vou mandar arranjar o quarto, e verás como passas bem.

Então a Morte, compadecida, interveiu:

—Não deves martyrisal-o muito. E' verdade que foi um jogador eterno, mas é preciso que sejamos justos: quem não havia de jogar, tendo a certeza de ganhar sempre? Além d'isso, este pobre homem, cumpriu com as obras de misericordia, e foi fiel a sua mulher emquanto ella viveu.

—E ainda mesmo depois de morta, replicou Lucifer. Já o sei, mas tenho-o em meu poder e não se escapará das minhas uñas.

O carpinteiro, tremendo como varas verdes, disse:

—E' verdade que foi jogador... e para que occultal-o? mas não é menos verdade tambem, que nunca perdi; joguei sempre honradamente. Nunca fiz batota.

(Conclue no proximo numero)
(Trad.) *Jayme Quirino Chaves.*